

# EVPHROSYNE

52 (2024)

*CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS  
FACULDADE DE LETRAS DA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA*

*JOURNAL FOR CLASSICAL PHILOLOGY  
NEW SERIES – VOLUME 52*

BREPOLS

*This work is financed with National Funds through FCT (Foundation for Science and Technology), through the project UIDB/00019/2020 (<https://doi.org/10.54499/UIDB/00019/2020>).*

© 2025, Brepols Publishers n.v., Turnhout, Belgium.

This is an open access journal made available under a CC BY-NC 4.0 International License: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or otherwise without the prior permission of the publisher, or as expressly permitted by law, by licence or under terms agreed with the appropriate reprographics rights organization.

D/2025/0095/197

ISBN 978-2-503-60366-7

DOI 10.1484/J.EUPHR.5.143115

ISSN 0870-0133

eISSN 2736-3082

Printed in the EU on acid-free paper.

In brief, while the first volume provides good introductions and any student could profit from using the sections on, e.g., “Archaic Greek Epic” or “Lyric Poetry” as a first point of entry, I would sadly not recommend the second volume unless it is seriously expanded and updated, preferably with some “further reading” sections as well (across both volumes).

Fotini Hadjittofi

Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras,

Universidade de Lisboa

f.hadjittofi@campus.ul.pt

**KATHARINA WESSELMANN. *Homer's Iliad: The Basel Commentary. Book VII*, translated by Benjamin W. Millis and Sara Strack, edited by S. Douglas Olson. Berlin and Boston: De Gruyter, 2023. XII + 237 pp. ISBN 978-3-11-068763-7.**

O canto 7 da *Ilíada* nunca recebeu atenção suficiente no meio académico. Afirma-o Wesselmann na abertura do prefácio (p. VII) deste novo volume que integra a coleção *The Basel Commentary* da editora De Gruyter. Este canto desempenha, na verdade, funções imprescindíveis no contexto da narrativa. No canto 1, Zeus promete favorecer os Troianos a fim de honrar Aquiles, que se vê desonrado em acto público. O soberano olímpico põe o seu plano em prática a partir do canto 8. Desse modo, os cantos 2 a 7 constituem uma unidade com uma função dupla, tanto retardativa como retrospectiva. Por um lado, esta sequência retarda a acção criando um efeito de *suspense* e, por outro, apresenta episódios que recordam o início do conflito, como o rapto de Helena (cf. 2.160-162; 3.46-51; 6.288-292), o oráculo de Calcas em Áulis (2.299-330), o catálogo das naus (canto 2) e a teicoscopia, i.e. a apresentação que Helena faz dos combatentes aqueus ao rei Príamo a partir das muralhas de Tróia (3.161-244). O enquadramento da guerra da *Ilíada* no contexto mais amplo da guerra de Tróia termina precisamente no canto 7, cuja acção se desenvolve em torno de dois episódios: o duelo entre Heitor e Ájax e a construção da muralha aqueia (ver o esquema-síntese das páginas 9 e 10).

O duelo entre Heitor (defensor de Tróia) e Ájax (substituto de Aquiles e o segundo melhor dos Aqueus) desenrola-se em três fases: Heleno apercebe-se da decisão dos deuses, Atena e Apolo, e sugere a realização de um duelo (vv. 1-53); fazem-se os preparativos, com os Aqueus a deitarem sortes para escolherem um campeão que os represente (vv. 54-243); os dois heróis lutam, mas o combate é interrompido pela chegada da noite (vv. 244-312). Este confronto corresponde à segunda monomaquia do poema. A primeira foi protagonizada no canto 3 entre os dois maridos de Helena, Páris e Menelau. São manifestos os pontos de contacto entre o duelo do canto 7 e o duelo do canto 3, conforme enunciados na página 14.

Vários tópicos são igualmente partilhados com o confronto entre Aquiles e Heitor no canto 22 (p. 15). Notam-se também paralelos bíblicos, em particular com a luta de David e Golias (pp. 15-16). Por várias razões, “The duel in Book 7 represents a necessary component of the epic in terms of both structure and content” (p. 16): funciona como *aristeia* de Ájax e introduz Heitor como adversário temível, a ponto de os Aqueus recareem enfrentá-lo. O duelo com Ájax repete-se no canto 14 (vv. 402-439), mas dessa vez irá terminar com consequências desastrosas para Heitor, o que de certo modo vem antecipar o seu destino funesto às mãos de Aquiles. Uma vez que o príncipe troiano nunca consegue derrotar o segundo melhor dos Aqueus, também não conseguirá vencer o melhor dos heróis.

Após a despedida emotiva da esposa e do filho, Heitor regressa ao campo de batalha desejoso de lutar. É-lhe atribuído o epíteto “glorioso” (*phaidimos*) no verso 1; um símile mostra como a sua chegada traz novo ânimo aos cansados Troianos (vv. 4-7); e logo de seguida os Aqueus vão sendo sucessivamente chacinados (vv. 8-16). O foco da narrativa muda para o plano divino, mostrando uma cena de oroscopia – dos píncaros do Olimpo, Atena observava os combates. Atena e Apolo (dois filhos de Zeus em lados opostos da guerra) encontram-se na sacra Ílion e decidem que o dia deve terminar com um duelo entre Heitor e aquele que de entre os Aqueus for o mais nobre. Heleno, filho de Príamo, é o contraponto troiano do adivinho Calcas. É ele quem compreende e transmite a vontade divina. Da conversa entre Atena e Apolo, fica patente a destruição futura de Tróia (vv. 30-32). Das palavras de Heleno a Heitor, fica-se a saber que este não será ainda o momento em que Heitor perderá a vida (vv. 52-53). Tudo isto contribui para a ideia de que o duelo do canto 7 não terá qualquer resultado determinante para o curso da guerra: “here it appears unlikely that anything decisive will happen” (p. 45). Atena e Apolo, desejando que o duelo ponha fim ao dia de combates, observam as fileiras de soldados. Fazem-no na forma de abutres (vv. 58-62), aves predatórias, sedentas de sangue, que tiram proveito da morte de heróis – “vultures represent a certain lack of scruple” (p. 49).

Ao escutarem a proposta para um duelo com o Priâmida, os Aqueus mantêm-se em silêncio, com vergonha de recusar o desafio, mas com receio de aceitar, visto que Heitor é um oponente extremamente poderoso e perigoso (p. 65). Menelau insurge-se contra a inacção dos companheiros e arma-se, ele próprio, para o combate, sendo, porém, refreado por Agamémnon. Torna-se claro que Menelau perderia a vida, caso lutasse contra Heitor (vv. 104-106). O rei de Esparta legitima a presença dos Aqueus em Tróia. Com a sua morte, o motivo original da guerra – a luta por Helena – deixaria de fazer sentido (p. 71). Mais adiante, no canto 17, vv. 106-113, Menelau vê-se novamente obrigado a desistir de um confronto directo com Heitor, a ponto de deixar o cadáver de Pátroclo desprotegido. No canto 7, é Nestor quem soluciona o impasse entre os nobres Aqueus. Ele lembra um episódio da sua juventude, quando matara o forte campeão Ereutálion na guerra entre os Pílios e os Árcades. Com este relato, acompanhado de censura severa, vários dos Aqueus se voluntariam para o duelo, e Nestor propõe que se tirem as sortes. A sorte recai em Ájax. “In Homeric epic, Nestor commonly comes

into play when the story has reached a dead-end” (p. 80). A vitória sobre Ereutálion sugere que Heitor também poderá ser derrotado (p. 46), como acontece no canto 22. Sobre o carácter paradigmático do discurso de Nestor (vv. 124-160), a sua estrutura em anel e construção retórica, *vide* as páginas 80 e 81.

A confiança excessiva de Ajax (vv. 191-199) contrasta com as expectativas dos Aqueus, que rezam pela vitória ou pelo empate (vv. 201-205). A prece, de certo modo, antecipa o desfecho inconclusivo do duelo, que não tem nem vencedor nem vencido. O duelo entre Heitor e Ajax (vv. 244-272) desenrola-se num total de três investidas de ambos os lados (dois arremessos de lança e uma rocha) que não têm consequências graves: “It fits the scheme, common in the *Iliad*, of the three-fold unsuccessful attempt” (p. 131). O combatente troiano é o primeiro a atacar, mas também aquele que fica ferido no pescoço e vai ao chão, o que mostra a sua inferioridade perante Ajax (recorde-se que Heitor morre de um golpe no pescoço, no canto 22). Os dois, prestes a avançar para uma quarta ronda numa luta de espadas, são interrompidos pelos arautos, Taltíbio e Ideu, que anunciam a chegada da noite. “In the *Iliad*, nightfall repeatedly brings an end to fighting” (p. 145). Heitor e Ajax trocam presentes como sinal de amizade, um tópico já utilizado no encontro não bélico entre Glauco e Diomedes no canto 6. A troca de armas é expressiva da honra que os dois heróis alcançam no duelo do canto 7, ainda que essas armas não tragam vantagem a nenhum dos dois, tendo em conta a continuação do mito: o corpo de Heitor será atado ao carro de Aquiles com o cinturão que Ajax lhe dá, e Ajax matar-se-á com a espada que Heitor lhe oferece (p. 149).

Os últimos 170 versos (vv. 313-482) formam a última secção do canto 7. Após o jantar dos Aqueus, Nestor propõe a cremação dos mortos, a construção de uma muralha e de uma vala. Todos concordam. Por outro lado, na acrópole de Ílion, Antenor propõe a restituição de Helena, a que Páris se opõe terminantemente. Após a assembleia, os Troianos tomam a sua refeição. Durante o dia seguinte, desde a alvorada até ao pôr-do-sol, os Aqueus constroem a muralha para protegerem as suas naus: guarnecem-na de torres e portões e cavam uma vala profunda do lado de fora, ao longo da qual dispõem estacas (vv. 433-441). Posídon vê a construção defensiva como émula das muralhas troianas que ele próprio e Apolo ergueram. E nesse sentido, mediante o paralelismo dos muros, “the encampment of ships becomes a counter-image of Troy itself” (p. 155). A frota aqueia assume, assim, o estatuto de uma “cidade” fortificada, o que permite a inversão do curso da guerra: durante nove anos os Aqueus atacam Tróia, agora, no décimo ano, do canto 8 a 18, são os Troianos que investem contra a fortaleza dos Aqueus. Os que antes atacavam passarão a defender, os que antes defendiam passarão a atacar. A construção da muralha aqueia parece ter várias motivações narratológicas, que são sistematizadas nas páginas 155 e 156. Os Aqueus criam um novo foco topográfico, que abre uma nova fase da narrativa. Ainda assim, o muro oferece uma falsa sensação de segurança, pois, no canto 12, parte dele cede, os portões são derubados e os Troianos transpõem as muralhas. Em termos de progressão da

história mítica, a fortificação dos acampamentos dos Aqueus pode ser vista como anacrónica no décimo ano da guerra. Em termos literários, porém, o episódio marca um ponto de viragem na acção da *Ilíada*. Essa mudança vem sugerida no final agourento deste canto (“the Book ends on a sinister note”, p. 202): Zeus troveja de modo assustador, preparando maldades para Aqueus e Troianos.

O presente comentário segue a mesma estrutura dos demais volumes da colecção e o mesmo rigor no tratamento das matérias. Os episódios são analisados sob diferentes perspectivas (e.g. narratológica, literária, retórica, linguística, mas também cultural, mitológica e arqueológica), sendo igualmente interpretados à luz de tradições afastadas da épica homérica (e.g. bíblica, indo-europeia, oriental) com as quais se tecem analogias e se procuram explicar contactos e influências. Estabelecem-se importantes elos com vários outros cantos da *Ilíada*, de modo que a acção do canto 7 fica bem enquadrada tanto no enredo do poema como no contexto mais amplo da guerra de Tróia. O canto 7 apresenta os dois exércitos em situações paralelas e simétricas, ocupando uma posição estratégica na construção da narrativa: encerra a fase retrospectiva e dá início a uma nova fase, na qual Zeus porá em prática o seu plano de honrar Aquiles, dando a primazia bélica a Heitor e aos Troianos. Alguns estudiosos têm considerado o canto 7 ora como o fim da primeira parte da composição tripartida da *Ilíada* ora como o fim de um dia de *performance* oral (p. 12). Por todo o trabalho de investigação aqui coligido, o presente volume dá indubitavelmente a atenção devida ao estudo do canto 7.

Rui Carlos Fonseca

Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras,  
Universidade de Lisboa / Universidade da Madeira  
rui.fonseca@staff.uma.pt

**FERNANDO RODRIGUES JÚNIOR. *Argonáuticas. Apolônio de Rodes. Organização, tradução, textos e notas.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2021. 473 pp. ISBN: 978-65-5505-056-1.**

Esta é uma tradução em verso branco, sem notas, em edição bilingue dos quatro livros que constituem a epopeia de Apolônio de Rodes. Rodrigues Júnior manteve o plural no título, *Argonáuticas*. No entanto, por semelhança com os títulos das epopeias homéricas preferimos o feminino singular. Reconhecemos, todavia, que a opção feita pode ser considerada filologicamente mais adequada porque a palavra corresponde a um neutro do plural grego e não a um feminino singular como *Odisseia*, nem a um acusativo do singular, feminino, como *Ilíada* e *Eneida*. Mas, tendo em conta que o poema de Apolônio narra uma história una, escolheríamos *Argonáutica*, em vez de *Argonáuticas*, tal como também dizemos a *Bíblia*, não obstante a palavra derivar de um neutro do plural em grego.